

APRESENTAÇÃO

Todos los viajes educan, aunque sólo sea por abrir al viajero a una realidad diferente a la suya. Sólo que unos educan más que otros, o de forma diferente a otros.

Antonio Viñao

O presente livro que ora apresentamos aos leitores/as é fruto do convênio celebrado entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Programa Move La America. Este convênio é uma iniciativa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o objetivo de promover a internacionalização dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, incentivando estudantes de mestrado e doutorado da América Latina e Caribe para realizarem estágios, no modelo "sanduíche" no Brasil, estreitando e fortalecendo laços acadêmicos e cooperação científica nos países que integram a região. Desde o primeiro momento, registramos nossos agradecimentos pelo apoio financeiro recebido.

O Programa de Pós-Graduação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDu/UERJ/FFP) recebeu estudantes de vários países da América Latina e Caribe incentivados pela possibilidade deste intercâmbio. O Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (PPEJAT), no âmbito do PPGEdu e do Programa Move La America desenvolveu várias atividades junto ao estudante de Doutorado em Psicologia Educacional, Jeison Felipe Gómez-Sánchez, da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), também pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa em Avaliação e Qualidade da Educação (GIECE), da Universidade de San Buenaventura, Cali-Colômbia. Esta foi uma oportunidade para o diálogo interinstitucional entre as universidades, respectivos Programas e grupos de pesquisas.

Esta coletânea de autores e autoras que integram o PPEJAT e o Grupo de Pesquisa GIECE através da bolsa sanduíche, nos fez lembrar que, diferentemente de uma insipiente tradição de reciprocidades econômica, política e cultural entre dois estados nacionais da América Latina, este livro representa uma oportunidade de trazer, pela lembrança do vivido durante a vigência do convênio, no ano de 2025, a necessidade de ampliarmos e fortalecermos o diálogo entre educadores e educadoras dos países latino-americanos.

Melhor dizendo, trata-se de uma suposta insipiência de tradição, já que os dois países, Brasil e México, se encontram na história do continente em processos que os marcam pelas insígnias colonizadoras dos conquistadores espanhóis e portugueses pela via da religião, da língua, da espada, emoldurada pelas coroas de impérios ibéricos em sua expansão nas Américas, no século XVI, e mesmo antes deste.

Este contexto fomenta uma fraternidade entre as nações latino-americanas que precisa ser protegida e fortalecida. Isso leva a considerar os desafios e as oportunidades que podem ser encontrados no contexto educacional para traçar novos horizontes, caracterizados por maior justiça social e pela rejeição absoluta das desigualdades e da violência que marcam nossos territórios.

Nessa paisagem que nos aproxima, lembramos Florestan Fernandes em sua análise sobre os processos de formação social dos países latino-americanos. Estes países têm em comum o capitalismo periférico e dependente, uma forma peculiar de se inserir no capitalismo, combinando o arcaico e o moderno como forma estrutural das desigualdades sociais.

Ainda mais quando este capitalismo periférico destituiu povos em suas condições de sujeitos, transformando-os em povos sem terra, sem teto, sem direitos a ter direitos e de forma negativa, na linguagem dos colonizadores, os sem cultura. Em todo o território latino-americano, a produção das desigualdades e injustiças sociais se manteve como sistema de opressão que buscou conter, nem sempre de forma bem-sucedida, as energias da rebeldia e da insubmissão.

Estas energias se revigoram em nossas sociedades, em nossos povos. Os textos reunidos nesta coletânea mostram que é possível construir pontes que aproximem nossas vivências como educadores e educadoras da América Latina, ampliando possibilidades de produzir energias do possível ou, como nos diz Paulo Freire, de criar “inéditos-viáveis”.

O livro está organizado em capítulos que se articulam em dois eixos temáticos. O eixo temático **“Realidades educacionais assimétricas e políticas de avaliações padronizadas”** reúne capítulos que inter-relacionam temáticas das desigualdades educacionais e o fetiche das avaliações que escondem os sistemas de opressões de classe, de raça e de gênero deixam a juventude à deriva de direitos sociais básicos.

Para iniciar esse eixo, o texto “Desigualdades de aprendizagem ao final do ensino superior como um desafio persistente: um diálogo Brasil-México”, de Jeison Gómez-Sánchez, abre esta seção ao abordar a existência de desigualdades nos resultados de aprendizagem alcançados por estudantes de origem popular que concluem o ensino superior no Brasil e no México.

Nessa proposta, o autor procura aludir a outros aspectos da desigualdade educacional que se camuflam por detrás da expansão progressiva do acesso e da cobertura ao ensino superior, a qual, embora necessária, pode não ser suficiente. Embora os instrumentos padronizados possam ser uma forma de visualizar diferentes aspectos da desigualdade educacional (como no capítulo anterior), o diálogo coletivo levou à constatação de que também é necessário refletir sobre esses instrumentos e sobre as lógicas de mercado às quais respondem.

Assim, na sequência, no capítulo “Expansão das avaliações por competências na EJA: exames que certificam desigualdades na formação da juventude”, as autoras Cacilda Cruz, Edilaine Souza e Nadia Batista Correa analisam criticamente a tendência das certificações em larga escala como modelos de certificações de escolarização para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao atingir, sobretudo jovens da classe trabalhadora.

Com efeito, as referidas autoras apontam que esses exames têm sido privilegiados como estratégias de governos de diferentes estados e municípios da federação vindo a contribuir, cada vez mais, para o fechamento de turmas da EJA, promovendo a intensificação da desescolarização da modalidade e negação do direito à educação dos seus sujeitos.

Considerando a importância e a variabilidade das desigualdades socioeducacionais, é crucial reconhecer que elas historicamente afetaram grupos populacionais específicos. Em nossos países latino-americanos, e especialmente no contexto brasileiro, um desses grupos é o da juventude negra.

Nesse sentido, o capítulo “Desafios da juventude negra brasileira frente às desigualdades sociais e opressões do capitalismo racista”, de Flávia Helena dos Santos, lança luzes sobre as experiências de jovens negros/as em contextos educacionais marcados por realidades desiguais. Para tanto, a autora recorre às fontes de dados da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) e à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO. A autora expõe que os povos afrodescendentes, em cerca de 153,3 milhões residentes na América Latina, são os que vivem nas mais adversas situações de desigualdade, marginalização e discriminação.

Essa situação é ainda mais acentuada quando se trata de mulheres e jovens afrodescendentes para quem as oportunidades de acesso a serviços básicos, posse da terra, educação de qualidade e moradia, entre outras, são praticamente inacessíveis. A autora destaca que mulheres e jovens afrodescendentes são os que menos têm acesso às políticas públicas, sendo os mais atingidos por desigualdades de diversos e diferentes modos, acentuadas pela marginalização e discriminação étnico-racial.

Corroborando com a análise das desigualdades e discriminações sofridas pela juventude negra e das periferias pobres que vivem sob sistemáticas ações de violência tanto empreendidas pelas forças de segurança pública como do crime organizado, o texto de Maria Beatriz Lugão Rios “Jovens sem trabalho e sem escola: faces do juvenicídio no Brasil” percorre um quadro de desalento, mas, também, de esperança pela qual nos convoca a cuidar da juventude da classe trabalhadora como a própria reserva da esperança da sociedade humana.

Por isso, fechando este primeiro eixo temático do livro, o capítulo “Qualidade da educação e Banco Mundial: a culpabilização do professor na América Latina e Caribe”, de Handerson Macedo e Marcia Alvarenga, os autores analisam as ações promovidas pelos organismos multilaterais de responsabilização, conhecidas como *accountability*, que perpetram práticas de culpabilização dos professores pelos resultados educacionais, desconsiderando fatores sistêmicos e estruturais.

Os capítulos dessa primeira seção da coletânea evidenciam que as desigualdades sociais e educacionais que atingem jovens que estão dentro ou fora dos sistemas de ensino, desde a escola básica à universidade, bem como os profissionais de educação, são continentes de desafios. Os seus autores e autoras nos falam que estes desafios são expressões de nossa formação social tributária dos processos de colonização e superexploração do capitalismo e, sabedores/as destes processos, suas pesquisas nos convocam a incursionar pelos países latino-americanos, buscando, a partir do que nos é comum e do que nos é próprio, mirarmos por horizontes de possibilidades e superações.

Sob o eixo temático **“Juventude entre desigualdades sócioeducacionais e utopias educacionais”**, os capítulos abordam a dualidade educacional e os movimentos de enfrentamento dessa problemática em ações governamentais e em ações de movimentos sociais. Pelo texto “Neoliberalismo, políticas de correção de fluxo e a não superação do fracasso escolar”, o autor Jessé Magalhães submete à análise crítica as políticas públicas de Correção de fluxo escolar, sustentando que o fracasso escolar não constitui um fenômeno individual ou pedagógico em si, mas uma expressão histórica e estrutural das desigualdades que conformam a dualidade educacional. Essa conformação reverbera nos textos seguintes como movimentos de jovens que percebem as desigualdades educacionais e buscam caminhos para a sua superação.

É o que examina Mônica Volpato Santos no capítulo “Os pré-vestibulares populares como expressão da dualidade educacional e o direito dos jovens ao sonhar acordado” ao retomar a sua pesquisa de dissertação de mestrado defendida no ano de 2024. Em sua pesquisa, a autora compartilha reflexões realizadas sobre o papel do Pré-vestibular Popular (PVP) como expressão da dualidade educacional. Ressalta-se a tradição marxista da dialética da esperança com a qual a autora ancora as análises de sua pesquisa no pensamento filosófico de Ernst Bloch, o filósofo marxista da esperança. Com Bloch, a autora destaca que os sonhos acompanham o cotidiano de jovens periféricos, mobilizando-os para concretizar a utopia de cursar a universidade e viver uma vida digna.

Por sua vez, no capítulo “Vozes do Saber para Mudar: desigualdades no acesso ao ensino superior em diálogo com o Programa Move La America”, Gabriele Gomes nos apresenta analiticamente apontamentos sobre experiências de estudantes do Projeto Saber para Mudar (SPM), pré-vestibular social da Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). A autora nos provoca a pensar sobre os desafios que envolvem o acesso e a permanência dos/as jovens que buscam acessar a universidade.

A juventude que busca pré-vestibulares sociais é, em expressiva maioria, de origem popular. Por serem oriundos da classe trabalhadora, esses jovens se defrontam com a principal dificuldade de darem continuidade às suas trajetórias escolares, ou seja, o de conciliar trabalho e estudo, o que exige inúmeros esforços para materializarem as suas utopias.

A despeito de o fenômeno dos pré-vestibulares ganhar atenção de pesquisadores/as nas últimas décadas, o inter-relacionamento entre movimentos sociais e juventude sugere significativo crescimento dessas ações em diversos locais. Acrescenta-se que projetos realizados por dentro das escolas têm sido estratégicos contra a reforma do Ensino Médio. Quanto a isso, o capítulo “Trabalho, educação e juventude periférica: fundamentos ontológicos e históricos e a mediação de um grupo de estudos na escola básica”, de Milena Macedo, traz interessante leitura a propósito de uma iniciativa de professores que organizaram um pré-vestibular em uma instituição pública da rede estadual do Rio de Janeiro.

Na pesquisa em desenvolvimento, a autora problematiza que, a despeito do avanço de políticas educacionais, em especial a do Ensino Médio, a dualidade estrutural da educação escolar no Brasil continua a intensificar-se, o que faz com que professores críticos e atentos a esse caráter dual se mobilizem em torno de um projeto de pré-vestibular social como estratégia de democratização do direito ao conhecimento sistematizado pela humanidade.

Nesse sentido, as utopias dos jovens orientam as suas ações na sociedade, promovendo-os como sujeitos que podem aspirar a serem protagonistas da história social. É sobre isto que, no capítulo “Protagonismo estudantil em Maricá: Construção de práticas democráticas na escola pública municipal”, de Ivana Oliveira, perscrutamos esperanças para o exercício da cidadania política, pela qual a democracia e os direitos sociais são defendidos pela juventude, desde a escola básica.

Por isso mesmo, a defesa da educação integral é abordada no capítulo, “Por uma Educação Integral na EJA: Ecos Freireanos e Gramscianos na Conferência Nacional de Educação/2024”, de Patricia Fernandes de Matos e Marcia Alvarenga. Nele, as autoras consideram que os debates dinamizados na referida Conferência, ou seja, o direito à educação, precisam se estender desde a infância à vida adulta. Focando na modalidade da EJA, as autoras contrapõem o direito à educação integral, na perspectiva da formação humana emancipatória, contra a formação humana subordinada aos interesses mercadológicos e negam conheci-

mentos necessários para trabalhos complexos.

Como possivelmente os leitores e as leitoras poderão apreender, as contribuições trazidas por cada capítulo visibilizam o pano de fundo que esse livro faz emergir. Os textos mostram, por meio das análises, dos relatos de experiências teoricamente refletidas, que os intercâmbios acadêmicos interinstitucionais são portos de encontros, de acolhimento de quem chega e dos que partem para novas viagens. Trazemos, deixamos e levamos em nossas viagens leituras transformadas pelas experiências das jornadas que percorremos.

Os diferentes contextos periféricos contemporâneos nos convocam a enfrentar os desafios (com avanços e dificuldades dos/nos percursos) que hoje se apresentam na busca pela justiça social na educação. Embarcamos na grande nau da educação e nos lançamos à aventura orientada pela irremovível utopia.

Esse livro permite reconhecer aquilo que nos une enquanto países latino-americanos, ainda que nem sempre seja motivo de orgulho, como as desigualdades socioeducacionais, a persistência de opressões estruturais e os processos de individualização do fracasso escolar; traços comuns de nossas formações. Mais do que ser um livro repleto de denúncias, nele encontram-se auspiciosos anúncios reverberados pelos trabalhos investigativos de seus autores e autoras. Trata-se de denúncias críticas situadas que não se encerram em elementos de diagnósticos desesperançados, mas se projetam como possibilidades abertas para superar o legado da destruição humana e ambiental promovido pelo capitalismo. As vozes aqui reunidas tensionam discursos hegemônicos e interrogam respostas, igualmente hegemônicas, e aparentemente simplificadoras do que a superfície deixa a ver. Ao contrário, afirmamos a educação como campo de lutas para alcançarmos justiça social amalgamada pela defesa e o fortalecimento da democracia.

A apresentação-convite dessa coletânea expressa a maturidade alcançada pelos grupos de pesquisa que a produzem, evidenciando suas capacidades de aprofundar leituras sobre realidades locais sem perder de vista os vínculos históricos, culturais, políticos e afetivos entre nossos povos latino-americanos. O diálogo estabelecido entre diferentes contextos abre caminhos promissores para agendas futuras de investigações conjuntas e cooperação acadêmica, reafirmando a importância de uma crítica comprometida com a transformação social.

Prof^a Dr^a Marcia Soares de Alvarenga,
Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdades Sociais –
UERJ/FFP

Jeison Felipe Gómez-Sánchez
Doutorando em Psicologia Educacional, da Universidade Nacional Autónoma do
México (UNAM).